



Uma outra mulher em minha vida

DAVID FARRELL

APÓS 22 ANOS de casamento, descobri o segredo para manter acesa a chama do amor e da intimidade com minha esposa, Peggy. Comecei a sair com outra mulher.

Na verdade, foi tudo idéia da Peggy. “Você sabe que a ama”, disse ela um dia me pegando de surpresa. “A vida é muito curta e você precisa estar com aqueles que ama. Talvez não acredite em mim, mas acho que se vocês passassem mais tempo juntos, isto *nos* aproximaria ainda mais.”

A “outra mulher” com quem eu deveria sair é, na verdade, minha mãe; uma viúva de 72 anos que mora sozinha desde que meu pai morreu há 20 anos. Logo após sua morte, mudei-me

para a longínqua Califórnia, a 400 quilômetros de distância da casa de mamãe, e comecei minha própria família e carreira. Quando voltei para minha cidade natal, há 6 anos, prometi a mim mesmo que passaria mais tempo com mamãe. Mas o trabalho e meus três filhos não me deixavam vê-la, a não ser nas tradicionais reuniões de família e feriados.

Quando telefonei para convidá-la para jantar fora e ir ao cinema, ela ficou surpresa e desconfiada.

– Você está com algum problema? – perguntou.

Mamãe sempre acha que se alguma coisa sai da rotina é sinal de má notícia.

– Achei que seria muito bom se

passássemos algum tempo juntos – disse eu. – Só nós dois – acrescentei.

– Eu adoraria – ela respondeu.

Enquanto dirigia para sua casa, fiquei bastante nervoso. *Sobre o que falaríamos? E se ela não gostasse do restaurante?*, pensava antecipando nosso encontro.

Ao chegar, ela já me esperava pronta na porta. Com os cabelos impecavelmente penteados, mamãe disse sorridente ao entrar no carro: “Contei às minhas amigas que iria sair com meu filho e elas ficaram muito impressionadas. Mal podem esperar até ouvir como foi nossa noite.”

Não fomos a nenhum lugar sofisticado, mas a um restaurante na vizinhança onde pudemos conversar. Minha mãe agarrou meu braço, em parte por sua afeição e em parte para que eu a ajudasse com os degraus.

Li o cardápio para ela, pois teve dificuldades para enxergar as letras miúdas. Quando ainda estava nas entradas, olhei para mamãe e ela me encarava com um sorriso melancólico nos lábios.

– Eu costumava ler o cardápio quando você era pequeno – disse ela.

Compreendi o que queria dizer: de protetora à protegida, e eu, de protegido a protetor; nosso relacionamento formara um círculo fechado.

– Então, agora é sua vez de relaxar e me deixar retribuir o favor – disse eu.

Tivemos uma agradável conversa durante o jantar. Não falamos sobre assuntos importantes, apenas sobre nossas vidas. Falamos tanto que perdemos o horário do cinema.

– Vamos sair de novo – ela me disse quando a deixei em casa –, mas só se

você me deixar pagar o jantar na próxima vez.

Concordei.

– Como foi o encontro? – minha mulher perguntou quando cheguei em casa.

– Legal... Melhor do que pensei – respondi.

Ela me sorriu como se falasse: “Eu não lhe disse?”

Eu e mamãe jantamos juntos algumas vezes por mês. Às vezes, assistimos a um filme, mas quase sempre só conversamos. Falo sobre o trabalho ou sobre as crianças e a Peggy. Mamãe me põe em dia com os assuntos da família e me conta coisas sobre seu passado. Agora entendo como deve ter sido trabalhar em uma fábrica durante a Segunda Guerra. Fiquei sabendo como ela e meu pai se conheceram e como se paqueravam no bonde, durante tempos difíceis. Não me canso de ouvir estas histórias. São importantes para mim, fazem parte da minha vida.

Também conversamos sobre o futuro, o que preocupa mamãe, devido a seus problemas de saúde. “Ainda tenho muito o que viver”, disse ela uma vez. “Preciso estar aqui até meus netos crescerem. Não quero perder absolutamente *nada*.”

Como qualquer um da minha geração, minha agenda está lotada na tentativa de conciliar família, profissão e amigos. Reclamo com frequência como o tempo voa. As horas que passo com mamãe me fizeram perceber a importância de diminuir o ritmo.

Peggy estava certa. Sair com outra mulher realmente *ajudou* meu casamento. 